



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

EDIZIO CRUZ DA SILVA

**AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS INDÍGENAS TABAJARA NA PARAÍBA NO
SÉCULO XXI**

JOÃO PESSOA-PB

2025

EDIZIO CRUZ DA SILVA

**AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS INDÍGENAS TABAJARA NA PARAÍBA NO
SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências curriculares para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Lusival Antonio Barcellos

João Pessoa-PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Edizio Cruz da.

As práticas religiosas dos indígenas Tabajara na
Paraíba no século XXI / Edizio Cruz da Silva. - João
Pessoa, 2025.

33 f.

Orientação: Lusival Antonio Barcellos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Indígenas Tabajara. 2. Resistência. 3.
Espiritualidade. I. Barcellos, Lusival Antonio. II.
Título.


UFPB/CE

CDU 2-4 (043.2)

EDIZIO CRUZ DA SILVA

AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS INDÍGENAS TABAJARA NA PARAÍBA NO SÉCULO XXI


BANCA EXAMINADORA

 Documento assinado digitalmente
LUSIVAL ANTONIO BARCELLOS
Data: 06/10/2025 23:14:58-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Prof. Dr. Lusival Antonio Barcellos
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Orientador


 Documento assinado digitalmente
ELIANE SILVA DE FARIAS BARCELLOS
Data: 06/10/2025 14:32:31-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Profa. Dra. Eliane Silva de Farias Barcellos
Membro externo - UFPB

 Documento assinado digitalmente
JUSCELINO SILVA DE SOUZA TABAJARA
Data: 06/10/2025 20:01:09-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Mestre Juscelino Silva de Souza - Juscelino Tabajara

Membro externo - UFPB

 Documento assinado digitalmente
CRISTINA DA CONCEIÇÃO RESENDE
Data: 06/10/2025 21:53:14-0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

Mestra Cristina da Conceição Resende - Cristina Tabajara

Membro externo - UFPB

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força para continuar minha jornada, ultrapassando todos os obstáculos que me forçavam a desistir.

Ao Professor Doutor Lusival Antonio Barcellos, pela Orientação e apoio na elaboração deste trabalho de conclusão, bem como pelo apoio e incentivo durante todas as etapas do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Ao meu pai, Sebastião Avelino da Silva (in memória) que viveu uma vida de perseverança, sendo exemplo para que seus filhos jamais desistissem dos seus sonhos.

A minha mãe Maria do Socorro Cruz da Silva, a quem dedico este trabalho, pelo amor e apoio nos momentos de dificuldades e desânimo.

Ao meu irmão, Edson Cruz da Silva, que na sua vida corrida e mesmo sem saber me serviu de inspiração nesta caminhada.

As minhas filhas, Jayane Evellen de Fátima Cruz de Souza e Edizângela de Fátima Cruz de Souza, que com amor e compreensão de forma incondicional foram minha maior inspiração para superar os desafios dessa jornada acadêmica.

A minha esposa, Adriana Alves da Silva, pessoa que segurou na minha mão durante as noites de estudo e me incentivou para não desistir.

Aos Professores do Curso de Ciências das Religiões pelos conhecimentos compartilhados, o que foi fundamental para minha formação acadêmica.

Vagamos por longos anos até à mãe terra
retornarmos.

Aqui caçamos, pescamos e o Toré dançamos,
para mantermos viva nossa história.

Edizio Cruz

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o povo indígena Tabajara da Paraíba no século XXI, enfocando suas práticas religiosas, sociais e culturais. Tem como objetivo analisar como acontecem as práticas religiosas, sociais e culturais no contexto dos indígenas Tabajara na atualidade. A espiritualidade destaca-se como o eixo central da vida comunitária, orientando as relações sociais, os rituais e a preservação da memória ancestral. Tais práticas religiosas mantêm vivas tradições, como também fortalecem a resistência frente às ameaças impostas na atualidade. A pesquisa explora a resistência cultural dos Tabajara, que, apesar da pressão da aculturação e das influências externas, mantêm vivas suas práticas religiosas, como o Toré e a utilização de plantas medicinais para a cura das enfermidades. Está fundamentada em autores como Barcellos e Barcellos (2024), Callou (2018), Grünewald (2008), Reesink (2000), Resende (2023), Silveira (2018), Simas (2023), Soares *et al* (2023), Krenak (2019), Moraes (2024), Zannone (2011), dentre outros. As práticas religiosas, frequentemente associadas à luta pela preservação do território e pela autonomia das terras indígenas, refletem um esforço contínuo de afirmação e resistência frente às dificuldades históricas e políticas enfrentadas por esse povo. A abordagem é qualitativa e utiliza a pesquisa bibliográfica e descritiva. Dando ênfase ao trabalho das mulheres nas práticas religiosas, demonstrando a importância delas na manutenção da coesão social e espiritual dentro das aldeias. Conclui-se que é com resistência que os Tabajara mantêm viva suas manifestações religiosas e culturais, sobretudo, reafirmando sua identidade e lutando para ter seu território demarcado.

Palavras-chave: Indígenas Tabajara; resistência; espiritualidade; religiosidade.

1 Graduado em direito e enfermagem, Licenciado em enfermagem, Especialização em Saúde do Trabalhador e Direito Processual civil e consumidor; graduando em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba. Contato: edziocruzsilva@gmail.com

2 Doutor em educação; professor titular do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, na Universidade Federal da Paraíba. Contato: lusivalb@gmail.com

ABSTRACT

This paper presents a study of the Tabajara Indigenous people of Paraíba in the 21st century, focusing on their religious, social, and cultural practices. It aims to analyze how religious, social, and cultural practices occur in the context of the Tabajara Indigenous people today. Spirituality stands out as the central axis of community life, guiding social relations, rituals, and the preservation of ancestral memory. These religious practices keep traditions alive and also strengthen resistance to the threats posed today. The research explores the cultural resilience of the Tabajara, who, despite the pressure of acculturation and external influences, maintain their religious practices, such as the Toré and the use of medicinal plants to cure illnesses. It is based on authors such as Barcellos and Barcellos (2024), Callou (2018), Grünewald (2008), Reesink (2000), Resende (2023), Silveira (2018), Simas (2023), Soares *et al.* (2023), Krenak (2019), Moraes (2024), Zannone (2011), among others. Religious practices, often associated with the struggle for territorial preservation and the autonomy of indigenous lands, reflect a continuous effort of affirmation and resistance in the face of the historical and political difficulties faced by these people. The approach is qualitative and uses bibliographic and descriptive research. Emphasis is placed on the work of women in religious practices, demonstrating their importance in maintaining social and spiritual cohesion within the villages. It is concluded that it is through resistance that the Tabajara keep their religious and cultural manifestations alive, above all, reaffirming their identity and fighting to have their territory demarcated.

Keywords: Tabajara Indigenous People; resistance; spirituality; religiosity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS TABAJARA.....	14
2.1 PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS TABAJARA DA PARAÍBA NOSÉCULO XXI	17
2.1.1 O Toré: Símbolo Diacrítico dos Povos do Nordeste	18
2.1.2 O Maracá: Instrumento de Conexão com o Sagrado	20
2.1.3 Pintura Corporal: Expressão de Reverência com os Antepassados	21
2.1.4 A Cosmovisão Tabajara: A biodiversidade é o Centro.....	22
2.1.5 Culto Pentecostal: Resistência e Reelaboração cultural.	23
3 A RELIGIOSIDADE DOS TABAJARA E SUA DIMENSÃO POLÍTICA E SOCIAL.....	26
3.1 A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE REAFIRMAÇÃO DOS VALORES ANCESTRAIS.....	26
3.2 EMPODERAMENTO DA MULHER INDÍGENA.	27
3.3 ATUAÇÃO POLÍTICA DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS.	27
3.4 RELIGIOSIDADE NA DEFESA DA TERRA.....	29
3.5 AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NO CONTEXTO INDÍGENA.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A história dos povos indígenas no Brasil é marcada por processos de colonização, apagamento cultural, resistência e ressignificação identitária. Nesse contexto, os Tabajara destacam-se por sua presença ancestral no litoral nordestino, por sua atuação histórica nas relações com os colonizadores portugueses e, sobretudo, por sua capacidade de resistência frente às diversas tentativas de extermínio físico e simbólico. Soares *et al* (2023, p. 9) afirmam que “O povo indígena Tabajara habitou o litoral do Brasil, no trecho entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio Paraíba”. Eles firmaram alianças com os colonizadores portugueses no século XVI, mas também foram vítimas de violências físicas, sexuais e estruturais como a subtração de terras, a imposição da fé cristã e a criminalização de suas práticas culturais e espirituais.

Na Paraíba, os Tabajara habitavam o litoral sul paraibano, tendo unido-se aos colonizadores portugueses em 1585. Como relatam Hemming e Brito (*apud* Cruz, 2022, p. 29), “Em 1585, após 10 anos de guerras contra os índios, os portugueses conseguiram firmar aliança com os Tabajara, na figura do seu maioral, Piragibe (Braço de Peixe), unindo forças contra os Potiguara e os franceses, de modo a permitir a ocupação da Capitania por colonos e eclesiásticos”.

A construção da narrativa histórica oficial muitas vezes silenciou a continuidade da presença indígena em solo paraibano, apresentando os Tabajara como um povo extinto, reduzindo sua trajetória a uma nota de rodapé na historiografia dominante (Farias; Barcellos, 2015). Contudo, essa suposta extinção se mostrou uma estratégia política de apagamento identitário. Como lembra Resende (2023, p. 44), [...] as terras indígenas eram repassadas para usineiros e fazendeiros, as pessoas que permaneciam em sua região de origem, não podiam declarar que pertenciam a um povo indígena nem praticar seus costumes para não serem identificados e punidos. Apesar dessa realidade, muitos indígenas resistiram silenciosamente, mantendo elementos culturais essenciais que seriam retomados de forma mais intensa nas últimas décadas do século XX. Neste sentido, Barcellos e Barcellos (2024, p. 37) afirmam: “Alvo de constantes violências simbólicas, físicas, psicológicas, sociais e espirituais, os Tabajara foram obrigados a migrar para as comunidades circunvizinhas do Sítio dos Caboclos, Conde, PB”.

Esse movimento de retomada identitária, também conhecido como etnogênese, expressa-se através da revalorização da cultura, da espiritualidade e da luta pela terra. Os Tabajara vêm reivindicando não apenas terras tradicionalmente ocupadas, como os situados

na antiga Sesmaria da Jacoca, mas também o reconhecimento público de sua existência, saberes e modos de vida. A religiosidade, nesse contexto, constitui uma dimensão central do processo de reconstrução étnica e cultural. Rituais como o Toré, com o uso do maracá e a pintura corporal, são práticas que fortalecem a coesão comunitária e a conexão com o sagrado, ao mesmo tempo em que funcionam como estratégias de resistência política e social (Andrade Junior, 2022; Simas, 2023).

Entretanto, as práticas religiosas tradicionais enfrentam tensões significativas, especialmente com a crescente presença de igrejas evangélicas pentecostais nas aldeias. O confronto entre as espiritualidades indígenas e os dogmas cristãos não é recente, mas adquire novas características no século XXI, quando a conversão religiosa passa a implicar, em muitos casos, a negação ou rejeição das práticas ancestrais. Ainda assim, verifica-se uma notável capacidade de ressignificação por parte dos Tabajara, que muitas vezes conciliam elementos do pentecostalismo com práticas culturais próprias, demonstrando a plasticidade e complexidade da religiosidade indígena contemporânea (Andrade Júnior, 2022).

Diante desse cenário, este artigo propõe uma reflexão sobre as práticas religiosas dos Tabajara da Paraíba no século XXI a partir de uma perspectiva histórica, cultural e sociopolítica. O texto conta com uma introdução e dois capítulos, o primeiro aborda a contextualização histórica do povo Tabajara, desde o contato com os colonizadores até os processos de dispersão e resistência, bem como, são examinadas as práticas religiosas tradicionais e os impactos das religiões cristãs, especialmente o pentecostalismo, sobre o universo espiritual e cultural indígena. No segundo, aborda-se a religiosidade dos Tabajara e sua dimensão cultural. Portanto, o objetivo geral deste estudo foi analisar como acontecem as práticas religiosas, sociais e culturais no contexto dos indígenas Tabajara na contemporaneidade, tendo em vista os antecedentes culturais desse povo e, como objetivos específicos: compreender os principais rituais religiosos praticados pelos Tabajara na atualidade e verificar o papel dessas práticas na identidade cultural e na resistência dos Tabajara.

A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender a espiritualidade dos Tabajara como forma de resistência, identidade e pertencimento, contribuindo para o reconhecimento da diversidade cultural, enfatizando a memória ancestral e combate ao apagamento histórico, reafirmando o papel dos povos indígenas na construção da sociedade brasileira contemporânea. Além disso, de acordo com o aporte teórico que demonstra a invisibilidade desse povo na sociedade e também nas pesquisas acadêmicas, este estudo vem como um auxílio que visa contribuir com a construção da identidade social dos Tabajara.

Com base em autores que pesquisam o tema, como Barcellos e Barcellos (2024), Callou (2018), Grünewald (2008), Reesink (2000), Resende (2023), Silveira (2018), Simas (2023), Soares *et al.* (2023), Krenak (2019), Moraes (2024), Zannone (2011), dentre outros, o estudo pretende contribuir para o reconhecimento e valorização das expressões religiosas dos Tabajara da Paraíba, bem como para o debate sobre a diversidade religiosa, o direito à diferença e a importância da espiritualidade na afirmação dos direitos coletivos indígenas.

Tendo isso em vista, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, a qual propõe “a utilização de uma forma de observação mais próxima dos procedimentos de construção do dado às características do objeto ao qual se aplicam, a submissão do método às peculiaridades do contexto empírico ao qual ele se aplica” (Cardano, 2017, p. 15). Neste caso, através das referências utilizadas, possibilitou a imersão no objeto de estudo, para que fosse possível compreender de maneira ampla a problemática aqui levantada, e assim, aprofundá-la. Outro objetivo da pesquisa qualitativa escolhida como método neste artigo é o fato de que o conteúdo deve trazer um saber específico, contextualizado e histórico que, “[...] se referencia na literatura científica internacional, fazendo uma síntese entre o global e o local, entre o particular e o universal entre o objetivo e o subjetivo” (Minayo; Guerriero, 2014, p. 1107). Logo, não seria possível falar sobre as práticas de religiosidade da contemporaneidade sem abordar como elas foram exercidas ao longo dos anos. Insta salientar que foram utilizadas informações de autores importantes na temática indígena, por meio de consulta de livros, teses e artigos, sobre a história indígena, as práticas religiosas, protagonismo da mulher e religiosidade indígena.

O interesse do autor pelo tema surgiu no terceiro período da graduação, por ocasião da ministração sobre o tema Mitologia Indígena e Afro-brasileira. Na oportunidade, o professor e pesquisador Barcellos (2014) proporcionou aos alunos a observação *in loco* das experiências dos Indígenas Tabajara, nas Aldeias Vitória, na Mata da Chica, e na Aldeia Barra de Gramame, ambas situadas no município do Conde. Nessas visitas, foi apresentada a contextualização histórica dos Tabajara, a luta para reaver as terras sagradas desse povo, além de serem demonstradas algumas práticas como o Toré e Pintura Corporal. Portanto, ter essa vivência despertou o autor para fazer um aprofundamento sobre os indígenas Tabajara, visto que, o que presenciou foi totalmente diferente da versão que se aprendia até pouco tempo atrás como estudante secundarista, cujo pensamento definia o “índio” como preguiçoso e violento.

A estrutura deste trabalho organiza-se em dois eixos: o segundo capítulo, contextualiza historicamente o povo Tabajara e sua trajetória sociocultural, abordando suas práticas

religiosas no século XXI. Já o terceiro aprofunda a religiosidade dos Tabajara sob a perspectiva política e social, destacando seu papel na resistência contemporânea.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS TABAJARA

No século XVI, os primeiros contatos com os colonizadores portugueses foram marcados tanto por alianças quanto por conflitos. O povo indígena Tabajara habitou o litoral nordestino do Brasil, no trecho entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio Paraíba (Soares *et al.*, 2023, p. 9). Na Paraíba, os Tabajara habitavam o litoral sul paraibano, do Conde à Pitimbu. Após anos de intensos conflitos com os colonizadores portugueses, em 1585, os Tabajara paraibanos unem-se à colônia portuguesa. Como relatam Hemming e Brito (*apud* Cruz, 2022, p. 29), “Em 1585, após 10 anos de guerras contra os índios, os portugueses conseguiram firmar aliança com os Tabajara, na figura do seu maioral, Piragibe (Braço de Peixe), unindo forças contra os Potiguara e os franceses, de modo a permitir a ocupação da Capitania por colonos e eclesiásticos”. No entanto, essa aliança não trouxe a paz aos Tabajara, visto que os mesmos sofreram impactos devastadores da colonização, como a perda gradual de suas terras, submissão às práticas religiosas do catolicismo, exploração econômica e violência cultural e sexual. Segundo Resende (2023, p. 44), “[...] as terras indígenas eram repassadas para usineiros e fazendeiros, as pessoas que permaneciam em sua região de origem não podiam declarar que pertenciam a um povo indígena nem praticar seus costumes para não serem identificados e punidos”.

A partir do século XVII, os Tabajara passaram a ser expulsos sistematicamente de seus territórios litorâneos até chegar a ser considerado extinto, pela narrativa oficial. De acordo com Farias e Barcellos (2015, p. 16),

Na Paraíba, os dados referentes à história indígena indicam que, a partir do século XIX, os indígenas passaram gradativamente por um processo de extinção ao mesmo tempo em que eram dispersos. A partir de então, foi criada a assertiva do “desaparecimento” dos Cariri no sertão e dos Tabajara no litoral sul, enquanto que os Potiguaras são conhecidos como o único povo indígena paraibano.

Expulsos das suas terras pelos colonizadores portugueses, muitos migraram para o interior, enquanto outros foram absorvidos pelas populações não indígenas, embora mantendo elementos de sua identidade, porém, ao longo dos séculos, a luta pela manutenção de suas terras e pela preservação de sua cultura nunca cessou.

Sendo assim, percebe-se que os Tabajara estão em constante perigo iminente não só de perder suas terras por causa das invasões, mas também de terem sua cultura, práticas sociais e de religiosidade atravessadas cada vez mais por motivos territorialistas. A partir das últimas

décadas do século XX e início do século XXI, o povo Tabajara iniciou um movimento robusto de retomada identitária, fortalecido por processos de autoafirmação étnica e de valorização dos saberes ancestrais. Neste sentido, nas décadas de 1970 e 1980, conflitos eclodiram no município do Conde, iniciando nas fazendas Gurugi e Barra de Gramame, acirrando o processo de desterritorialização e luta pela terra. Na atualidade a insegurança continua, conforme Cruz (2022, p, 148):

[...] a ocupação territorial e a urbanização continuam avançando desenfreadamente pelas exíguas áreas de matas, mangues, rios e praias ainda preservadas no litoral sul. Loteamentos se espalham, especialmente nas áreas de beira-mar. Resorts de grande porte se apropriam de recursos naturais do território, impedindo o pleno acesso por parte das populações que fazem uso tradicional da terra.

Essa retomada também passa pela reivindicação de terras tradicionais. De acordo com o Conselho Indiginista Missionário (Cimi, 2024, p.1):

[...] os Tabajara reivindicam terras tradicionais incorporadas pela colonização à Sesmaria da Jacoca. Após aliança com os portugueses nas guerras coloniais, os Tabajara receberam da Coroa Lusitana lotes na Aldeia Jacoca. Com o passar do tempo, o povo sofreu uma gama variada de violências e suas terras foram esbulhadas, invadidas e roubadas.

O Cimi (2024, p. 2) informa que os Tabajara da Paraíba:

[...] estão organizados em quatro aldeias: Aldeia Vitória, na Mata da Chica; Aldeia Barra de Gramame; Aldeia Nova Conquista Taquara e Aldeia Severo Bernardo, ambas em Jacumã. Cada aldeia tem um cacique. Todas elas vivenciam situações de invasões e insegurança jurídica sem a conclusão do procedimento demarcatório, além de problemas estruturais como falta de água potável. No entanto, resistem no território tradicional.

Apesar dessas adversidades, os Tabajara resistiram culturalmente. Uma das principais formas de resistência é o Toré, que persiste até os dias atuais, sendo uma prática ritualística que combina música, dança e espiritualidade. Para Barcellos (2014, p. 282), “[...] o Toré é uma das principais práticas religiosas, como também um dos principais sinais de diacriticidade e paradigmática de etnicidade”.

Entretanto, as práticas culturais e religiosas enfrentam tensões com a crescente presença de igrejas pentecostais nas aldeias dos Tabajara. Como relata Farias e Barcellos (2015, p. 181):

A prática da reelaboração do ritual do Toré tem causado constrangimento para os Tabajara de segmento pentecostal histórico ou tradicional, pois não comunga com o ato de fumar o cachimbo e entrar em sintonia (invocar) com os espíritos dos ancestrais; eles acreditam haver manifestação de seres malignos. Visão que os colonizadores tinham em relação às manifestações religiosas indígenas.

Desse modo, infere-se que as práticas de religiosidade dos Tabajara sofrem ameaça de interferência dessas igrejas em seus rituais tradicionais, já que, com o aumento de praticantes da fé pentecostal, também aumenta a aversão por essas práticas.

Historicamente, muitas aldeias foram extintas devido à dispersão dos povos Tabajara, especialmente entre os séculos XVII e XIX. Assim, o Cimi (2024, p. 3) atesta que “As expulsões do território tradicional levaram famílias Tabajara às periferias dos municípios do entorno, mas também a localidades mais distantes”. No entanto, no século XXI, observa-se uma retomada de terras e reorganização comunitária. Resende (2023) destaca que essa reorganização se expressa não apenas na luta por terra, mas também na valorização de práticas artísticas, culturais e pedagógicas que reafirmam a identidade Tabajara. Segundo Simas (2023, p. 23),

O relato de Nathalia Tabajara é bastante significativo, sobretudo ao destacar a importância da cultura como uma herança dos antepassados, transmitida de geração em geração. Trata-se de uma herança cultural preciosa que une as pessoas à sabedoria de seus ancestrais. Isso demonstra a importância de manter vivas as tradições e práticas culturais, não apenas como uma forma de honrar aqueles que vieram antes, mas também como uma maneira de preservar a identidade do povo Tabajara.

A trajetória histórica dos Tabajara da Paraíba revela um percurso de resistência, resiliência e retomada. Desde os impactos da colonização, passando pela expropriação de suas terras até os desafios atuais relacionados à demarcação de terras e à afirmação identitária, os Tabajara seguem se reinventando, mantendo viva sua cultura, espiritualidade e modos de vida. As aldeias atuais não são apenas espaços de moradia, mas territórios de luta, memória e esperança. “O engajamento etnopolítico dos Tabajara pela retomada territorial, neste momento, é um aspecto que se pode dizer de etnogênese que promove a visibilidade deste processo que vem se consolidando no país” (Farias; Barcellos, 2015, p. 105).

2.1 PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS TABAJARA DA PARAÍBA NO SÉCULO XXI

As práticas religiosas dos Tabajara no século XXI refletem a complexa interação entre as tradições ancestrais e as influências externas, principalmente a evangelização e as pressões trazidas pela modernidade. Farias e Barcellos (2015, p.199) afirma que:

Encontrando-se em sua maior parte pentecostais, o grupo Tabajara, nesse momento em que vivencia o processo de etnogênese, também vivencia certo mal-estar no campo religioso, ao confrontar a reelaboração de suas tradições com a religião que professa. As normas estabelecidas pela igreja Assembleia de Deus vão de encontro com a celebração do ritual do Toré.

Apesar das adversidades históricas e dos desafios impostos pela colonização, o povo Tabajara tem demonstrado uma impressionante resistência, preservando e fortalecendo suas práticas espirituais, ao mesmo tempo em que se adapta ao contexto contemporâneo, mantendo a essência de sua cosmovisão. Neste sentido, “Essa cosmovisão religiosa com demonstração de crenças, fé, rituais e de pertença mística é um dos mais complexos legados de manifestação étnico-racial, uma realidade iniciada com os povos originários” (Barcellos; Barcellos, 2024, p. 196).

Assim, a religiosidade dos indígenas Tabajara da Paraíba é marcada por uma rica diversidade de práticas espirituais que articulam tradição, resistência e sincretismo, com a introdução de elementos em seus rituais, a exemplo de santos do catolicismo. Ao analisar a fala do Cacique dos Indigenas Kiriri (Mirandela, Bahia), Reesink (2000, p. 385-386) afirma que:

Pelo que se depreende da fala do cacique, já citada, ele concordaria com o pajé dos Tuxá. que, após caracterizar a "religião nossa" como "a igreja encantada", declarou que há Deus no céu e que Jesus Cristo é "o protetor dos encantados". Nosso Senhor criou a "nação", "justamente os troncos velhos" (os índios antigos) e Ele deixou "o saber indígena, um saber oculto, que só poderá saber ele mesmo".

Após séculos de diáspora e silenciamento cultural, os Tabajara vêm reconstruindo suas práticas religiosas como forma de reafirmação identitária e fortalecimento comunitário, por meio de rituais como o Toré e da incorporação de elementos cristãos, os Tabajara reafirmam sua identidade espiritual e cultural. Essas práticas são fundamentais para a preservação da memória ancestral e para a continuidade da luta por reconhecimento e direitos. Simas (2023, p. 25) afirma que “A prática do Toré pelo povo Tabajara, tal qual o tocar dos maracás em ritualística, desempenham um papel ativo na manutenção das tradições e na perpetuação das

narrativas mitológicas, que são essenciais para a compreensão da identidade étnica e cultural Tabajara”.

Logo, compreende-se que esse povo luta para manter suas práticas religiosas vivas, mesmo diante de ameaças simbólicas, demonstrando a intenção dos Tabajara em enrijecer sua identidade social.

2.1.1 O Toré: Símbolo Diacrítico dos Povos do Nordeste

O Toré é o principal ritual sagrado dos povos indígenas, desempenhando um papel central na expressão de sua espiritualidade e identidade étnica. Mais do que um rito religioso, o Toré é uma manifestação de resistência cultural e política, sendo frequentemente realizado em contextos de luta por direitos territoriais e reconhecimento étnico. Simas (2023, p. 18) entende que:

[...] o Toré é uma expressão viva do sagrado, pois este rito ressalta a importância da ordem, da harmonia e da conexão espiritual em um contexto cultural rico e profundamente enraizado nas tradições indígenas brasileiras. É uma celebração da vida, da comunidade e do divino, em perfeita sintonia com a compreensão do rito como um veículo para manter e restaurar a ordem na cosmovisão indígena.

O Toré é ritual presente em quase todos os povos indígenas da Região Nordeste, como Reesink (2000, p. 359) atesta: “O Toré é uma dança ou, mais amplamente, um ritual que se encontra disseminado entre quase todos os povos indígenas que habitam a região etnográfica do Nordeste brasileiro (do Norte da Bahia até o Ceará)”.

Já Figueiredo (2020, p. 18) afirma que “[...] o Toré Tabajara ensina e dá forças para que essa população indígena se fortaleça na sua caminhada de luta pela demarcação de territórios, direitos sociais/constitucionais, pertencimento, reconhecimento e respeito na sociedade, dentre outros aspectos”. Sendo assim, dentro da cultura Tabajara, infere-se que o Toré exerce um papel maior do que um ritual religioso que perdurou pelos séculos, é uma verdadeira celebração em comunidade que fortalece a luta pela demarcação territorial e pelo reconhecimento social.

Essa prática envolve dança circular, cânticos, uso de instrumentos como o maracá, pintura corporal e vestimentas tradicionais. Segundo Figueiredo (2020, p. 67),

Geralmente a dança é iniciada com a realização de orações, de modo que o cacique e os demais presentes balançam seus maracás invocando os encantados, o que é relativo e subjetivo tal invocação naquilo que cada um

acredita; com palavras de agradecimento e pedidos ao Deus Tupã; a Mãe Terra / Mãe Natureza, solicitando licença para realizar suas ações, a fim de que transmitam energias positivas para o seu povo e todos que se encontram no local sagrado. Posteriormente, continuam o ritual com uma dança circular onde os indígenas participam e também os que estiverem no ambiente se sintam à vontade para praticar o rito.

Além de ser uma dança, o Toré promove a união dos indivíduos da comunidade indígena. Cunha (2008, p. 128) afirma que “O Toré, enquanto fenômeno aglutinador de agrupamentos indígenas, apresenta diversos usos e funções nos contextos em que aparece, tendo em comum o sentimento de pertença a uma ancestralidade que a ele se liga enquanto “corpo coletivo” ritualizado”.

Grünnewald (2008, p. 43) afirma que “O toré ganha visibilidade (e a relevância atual) a partir de um processo social que se inicia na primeira metade do século XX. Hoje, o toré está inclusive totalmente incorporado ao movimento indígena no Nordeste como forma de expressão política”.

Reesink (2000, p. 362-363) apresenta um comparativo do ritual do Toré, entre diversos povos indígenas nordestinos:

[...] no caso Kiriri, o rito Toré consiste em dançar e cantar no terreiro, quando se forma uma grande fila indiana, com o puxador pajé na frente e os outros homens, mais ou menos em gradiente de importância, atrás, até se conectar com uma mesma sequência feminina. [...]o toré dos Xukuru-Kariri (Alagoas) tende a ser executado com os dançarinos formando pares. como entre os Fulniô. embora também se dance em fila (além de usar, às vezes. "búzios", também mencionados para os Fulniô[...] os Xukuru-Kariri existe um toré de "brincadeira", que pode ser em roda. em cordão ou cruzado, mas sem vestes especiais, e que é para o "civilizado" apreciar. No caso Kiriri. e na maioria dos outros, se faz uma .. representação" para atestar que "(...) nós somos índios e temos nosso ritual. nossa tradição" (Kariri-Xokó cit. em Carvalho 1994: 8). No toré da inata dos primeiros, em contrapartida, somente os índios participam e este teria, também, o nome de praiá ou ouricuri.

Neste contexto, o Toré é um ritual amplamente disseminado em quase todos os povos indígenas do na Região Nordeste da República Federativa do Brasil, caracterizando-se, além de celebração, como prática de afirmação da identidade indígena Tabajara e um instrumento de resistência sociopolítica, que fortalece os laços com a ancestralidade, a natureza e a luta pelos direitos. É um ritual vivo, que educa, cura e mobiliza.

2.1.2 O Maracá: Instrumento de Conexão com o Sagrado

O maracá, instrumento musical de percussão, possui profundo significado espiritual para os Tabajara. Utilizado nos rituais do Toré, ele simboliza a conexão com o universo cósmico e espiritual. Segundo Simas (2023, p. 16):

[...] os espíritos falam através dos maracás e ao maracá é atribuído um poder sobrenatural, transcendental, universal e cosmológico, não só tão somente pelo som misterioso e único produzido pelos grãos e pedras nele contido, mas também pelos outros artefatos que enfeitam o instrumento sonoro e de arte sacra, como por exemplo: pinturas, enfeites de penas, os quais são determinantes para que possamos comentar e descrever essa arte como materialização da espiritualidade e como a manifestação do sagrado.

Assim, a utilização do maracá entre os indígenas Tabajara da Paraíba representa uma expressão simbólica e espiritual de profunda relevância na manutenção de sua identidade étnica e resistência cultural. O maracá, mais do que um instrumento musical, constitui-se como um elemento sagrado, utilizado em rituais como o toré, em momentos de cura, celebrações e práticas de reconexão com os ancestrais. Para Simas (2023, p. 19),

O Maracá é objeto de expressão artística e de elo vital com o universo cósmico e espiritual, que, quando tocado durante cerimônias sagradas, cria um que ilíbro espiritual, permitindo uma comunicação transcendente com as entidades espirituais que fazem parte do panteão da cultura Tabajara.

Já Resende (2023, p. 55) observa que:

[...] o maracá é um instrumento usado no Toré e pode ter diferentes significados para os povos indígenas. Para os Tabajara, é um importante instrumento que também traz uma ligação ancestral, pois ele faz parte de toda a ritualística que evoca a energia dos seres da floresta e os encantados que um dia pertenceram ao povo Tabajara.

De acordo com o Portal Amzônia (2021), “Para a população indígena, a representação do maracá vai além de um instrumento usado para marcar o ritmo da dança. Acredita-se que ele possui grande poder espiritual. É nobre, usado geralmente pelos pajés”.

Essa afirmação revela a centralidade simbólica e espiritual do maracá nas práticas rituais desse povo, evidenciando seu papel como elemento de conexão com os planos sagrados e com os ancestrais. Nesse sentido, Simas (2023, p. 23) reforça que:

O uso do maracá como uma força da mãe natureza, ecoando e fortalecendo a espiritualidade, realça como os rituais e objetos culturais desempenham um papel simbólico na conexão com o sagrado, entre a humanidade e o ambiente natural. Essas reflexões demonstram o profundo entendimento e apreciação da cultura e espiritualidade Tabajara.

O maracá configura-se como um mediador entre as dimensões temporal e espiritual, sendo compreendido como elo entre o passado, o presente e o futuro da espiritualidade indígena. Zannoni (2011, p. 29) entende que o maracá como instrumento oriundo do universo paralelo, considerando que os primeiros registros que se conhecem sobre esse instrumento o situam no universo do xamanismo tupinambá enquanto objeto sagrado, portador da voz dos espíritos.

Desta forma, o maracá é fundamental na organização da comunidade dos povos indígenas, transcendendo seus atributos de instrumento musical, atuando em sentido cultural, político e social.

2.1.3 Pintura Corporal: Expressa Reverência com os Antepassados

A pintura corporal é uma prática profundamente significativa na religiosidade e na vida cotidiana do povo Tabajara, os quais decoram seus próprios corpos com padrões gráficos repletos de simbolismo. “As cores para a pintura corporal são extraídas da flora presente na região. A tintura preta é elaborada a partir do jenipapo (*Genipa brasiliensis*), ralado e espremido, e, com o caldo é feita a tinta. Já com o urucum se faz uma pasta que resulta na cor vermelha” (Moraes; Barcellos, 2024). Essas pinturas são aplicadas especialmente durante os rituais religiosos, festas tradicionais, celebrações coletivas e momentos de passagem. Mais do que ornamentação, as pinturas corporais expressam a ligação com o mundo espiritual, a reverência aos antepassados, a cosmovisão indígena e a afirmação da identidade étnica. Para Barcellos (2014, p. 301), “A pintura é um outro elemento primordial usado na Dança do Toré”.

Além de representar uma herança ancestral, a prática da pintura corporal atua como uma forma de resistência frente aos processos históricos de apagamento cultural e como reafirmação da presença indígena na contemporaneidade. Ela fortalece a memória coletiva, reafirma o pertencimento ao grupo e transmite ensinamentos espirituais por meio dos grafismos. De acordo com Moraes (2024, p.10), a pintura corporal é:

Uma forma de resistência a outras culturas e religiosidades que corroem o patrimônio imaterial desse povo, uma celebração que nasce da terra, como nasce a pedra, a planta, a água, o ar e o fogo. O corpo é transformado em suporte para que a tinta extraída da natureza exteriorize para as outras culturas que o sagrado indígena é vivo e impregnado aos poros da pele desta etnia.

A decoração corporal dos povos indígenas apresenta elementos sociais, culturais e geográficos, pois são formas de comunicação utilizados em momentos e locais adequados. O Funarte (1985, p. 6) exemplifica o caso dos Indígenas kaiapó, “Podemos afirmar que, entre esses grupos indígenas, a ornamentação do corpo confere ao indivíduo status de ser humano em contraposição aos outros seres vivos da floresta e, especialmente, status de Kayapó em contraposição a outros grupos indígenas que habitam a mesma região”.

A pintura corporal também se revela como uma linguagem viva, em constante renovação, que conecta passado, presente e futuro. Segundo Resende (2023, p. 60),

As pessoas indígenas que têm mais habilidade de fazer os grafismos vão passando a tradição para os mais jovens. Estes, fazem as formas tradicionais e vão criando novas formas de grafismos que vão sendo usados e se tornando símbolos que representam o povo Tabajara.

Neste sentido, Souza (2020, p. 40) afirma que:

Nos juntávamos também para desenvolver a tinta, onde as crianças menores também participavam, observando e auxiliando, em todo o processo, desde a ida a árvore de jenipapo, a coleta, até a posterior preparação. Estas crianças, hoje são, os outros pintores que surgem posteriormente e contribuem no compartilhar dessa atividade de grande importância para o Povo Tabajara.

Assim, a pintura corporal é expressão viva de espiritualidade, identidade e resistência do povo Tabajara, mais que uma tradição, é linguagem simbólica que conecta gerações, preserva a memória ancestral e afirma a presença indígena na contemporaneidade.

2.1.4 A Cosmovisão Tabajara: A biodiversidade é o Centro

De acordo com Krenak (2019, p. 6) “[...] modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa Terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão”.

A espiritualidade do povo Tabajara é intrinsecamente ligada à natureza, à ancestralidade e à coletividade. O entendimento que possuem do mundo não estabelece separações entre o material e o espiritual. Cada elemento do meio ambiente, como árvores, rios, animais e montanhas, carrega uma dimensão sagrada e espiritual, sendo a biodiversidade o centro. Neste sentido, Farias e Barcellos (2015, p. 163) afirmam que:

[...] o imaginário cosmológico dos ancestrais indígenas era povoado por entidades e espíritos que habitavam a natureza, seres que representavam o

bem e o mal. Tão forte era a credulidade do indígena, chegando ao ponto de criar seres para justificar suas vitórias e aflições. Existia e ainda é crença entre esses moradores que para execução das atividades diárias, se necessita de certos rituais.

Essa compreensão se reflete nos rituais, nas práticas cotidianas e na maneira como a comunidade se relaciona com a terra, sendo imprescindível a preservação da natureza para proteger a biodiversidade e o ecossistema. Krenak (2019, p. 23) analisa o tema e relata que:

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. [...] A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças.

A transmissão dos saberes ancestrais ocorre, sobretudo, por meio da oralidade, das práticas coletivas e dos rituais, que são momentos privilegiados de fortalecimento da identidade e da espiritualidade do grupo. Em seu estudo, Simas (2023, p. 23) traz a visão de uma Tabajara que relata a importância da herança cultural repassada pelos antepassados:

O relato de Nathalia Tabajara é bastante significativo, sobretudo ao destacar a importância da cultura como uma herança dos antepassados, transmitida de geração em geração. Trata-se de uma herança cultural preciosa que une as pessoas à sabedoria de seus ancestrais.

Assim, apesar da imposição de assimilação cultural e religiosa dos brancos, promovidas durante o processo de colonização, os Tabajara mantêm vivas suas práticas tradicionais, especialmente aquelas deixadas pelos antepassados.

2.1.5 Culto Pentecostal: Resistência e Reelaboração cultural

A inserção do pentecostalismo e outras crenças religiosas, no cotidiano religioso de uma quantidade significativa dos indígenas Tabajara da Paraíba representa um fenômeno complexo e multifacetado, marcado por dinâmicas de resistência e reelaboração cultural. Embora historicamente vinculados a práticas tradicionais como o Toré, nas últimas décadas, observa-se que tem gerado transformações importantes nas formas de expressão da religiosidade indígena. Segundo Andrade Júnior (2022, p. 163) “O modo como isso vem ocorrendo é que tem despertado cada vez mais atenção [...] são muitos os tipos de crenças do

povo Tabajara, além de considerarem sagrada a natureza, dão suma importância às forças espirituais”. Essa tensão, no entanto, não deve ser compreendida como mera substituição de uma religiosidade por outra, mas como um processo de ressignificação cultural, onde os indígenas reinterpretam elementos pentecostais a partir de suas cosmologias e experiências históricas.

A espiritualidade pentecostal, com sua ênfase na conversão pessoal, na cura divina e na manifestação de dons espirituais, dialoga com elementos próprios da religiosidade Tabajara, como a crença em espíritos, curas e revelações. Assim, podemos constatar que “[...] os dados colhidos demonstram que a maioria do povo Tabajara aderiu às denominações protestantes ou, como popularmente são denominados, “crentes” [...] Ser crente significa abandonar suas antigas crenças e práticas do cotidiano”. (Farias; Barcellos, 2015, p. 178)

A coexistência entre o pentecostalismo e o Toré tem alguns entraves, como o uso do cachimbo. Reesink (2000, p. 380) entende que “O uso do cachimbo parece ser obrigatório no Toré. Registra-se que há dias em que se 'fuma' para "criar mais união na tribo", dando a impressão que nesses eventos se trata de uma fumada em conjunto, com a execução de um Toré”.

Simas (2023, p. 28) observa que “[...] a ressignificação do ritual do Toré e a dualidade religiosa enfrentada pelo povo Tabajara, que incorpora elementos da cultura indígena em sua identidade, mesmo quando convertidos ao pentecostalismo”, indicando uma continuidade simbólica que resiste à hegemonia do discurso evangélico. Simas (2023, p. 19), também afirma que:

O Maracá é objeto de expressão artística e de elo vital com o universo cósmico e espiritual, que, quando tocado durante cerimônias sagradas, cria um equilíbrio espiritual, permitindo uma comunicação transcendente com as entidades espirituais que fazem parte do panteão da cultura Tabajara.

Outro aspecto relevante é a relação entre o pentecostalismo e os processos de escolarização e organização política indígena. Andrade Júnior (2022, p. 170) argumenta que:

Os indígenas convertidos, embora não aceitem a espiritualidade imbuída em sua cultura, mantém-se ligado a sua ancestralidade ao se pintar, ao usar os adornos como os cocares e colares, ao dançar o Toré, ao moldar o barro para confeccionar, dentre outras ações nas aldeias.

Ao longo da história, os Tabajara enfrentaram expropriação suas terras e apagamento cultural. Nesse contexto, a inserção de novas formas religiosas não se dá de maneira passiva, mas como parte de lutas contínuas e adaptações. A religiosidade pentecostal, assim, se torna mais uma forma de transformação espiritual Tabajara, sem eliminar a centralidade dos rituais

tradicionais, mas exigindo um constante equilíbrio entre memória ancestral e inserção no mundo contemporâneo. Neste sentido, Barcellos e Barcellos (2024, p. 205) constata que:

Os ritos e rituais se destacam por alcançar e assumir formatos apropriados a cada ocasião social, no caso da reunião de culto da Aldeia Vitória, o espaço da oca, lugar de característico de práticas de tradição cultural ancestral, torna-se lugar de práticas da religião pentecostal dos indígenas contemporaneamente. Nesse momento, eles criam ritos e elementos culturais, incorporando novas práticas e valores dentro da própria cultura.

Em síntese, os cultos pentecostais entre os Tabajara não significam, necessariamente, um rompimento com a tradição, mas sim uma reformulação de sentidos e práticas que expressam tanto a permanência quanto a transformação da identidade indígena. As práticas religiosas, sejam elas originárias ou incorporadas, continuam sendo espaços fundamentais de afirmação cultural e espiritual para esse povo.

3 A RELIGIOSIDADE DOS TABAJARA E SUA DIMENSÃO POLÍTICA E SOCIAL

A religiosidade dos Tabajara no século XXI, além de ser uma prática de resistência cultural e espiritual, também assume uma função política e social importante. Em um contexto marcado por desafios sociais, como o processo contínuo de marginalização das populações indígenas, a religiosidade se torna uma ferramenta de resistência não apenas frente às pressões religiosas externas, mas também frente às questões políticas e econômicas que afetam diretamente a sobrevivência das comunidades indígenas.

3.1 A RELIGIOSIDADE COMO FORMA DE REAFIRMAÇÃO DOS VALORES ANCESTRAIS

A religiosidade dos povos indígenas, especialmente dos Tabajara, representa uma forma essencial de resistência cultural, social e política frente às tentativas históricas de apagamento de sua identidade. Para Barcellos e Barcellos (2024, p.182),

Na vida cotidiana das comunidades, as relações existem de indivíduo para indivíduo; os moradores ganham a vida, educam os filhos, vivem em família, associações, exercitam sua religiosidade, suas superstições, seus tabus e seus valores, vinculando as práticas de sua cultura. Nas relações diárias, os indígenas criam, recriam suas práticas revitalizando e construindo a história atual mantendo vivo os costumes como forma de resistência.

Nesse contexto, a espiritualidade vai além do plano místico, atuando como elemento vital na preservação das tradições e como afirmação da presença indígena. Entre os Tabajara, rituais, danças, cantos e celebrações são expressões sagradas que mantêm o vínculo com a terra, os ancestrais e a cosmovisão própria. Segundo Farias e Barcellos (2015, p. 161),

É importante também recordar as suas afinidades culturais que acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para seus deuses e espíritos, eles faziam cerimônias ritualísticas e festas. Para transmissão dos conhecimentos existia um responsável que variava de uma tribo para outra.

Realizar cultos tradicionais nas terras historicamente ocupadas é uma forma concreta de resistência à homogeneização cultural promovida pela sociedade dominante, visto que a espiritualidade também está profundamente ligada à luta pela terra. Para o indígena, “A mãe terra é lugar sagrado e apresenta sinais vitais que são percebidos somente por quem está atento e escuta os segredos da natureza” (Barcellos, 2014, p. 106), tornando a religiosidade um eixo central na luta por direitos territoriais e manutenção do modo de vida tradicional.

Além de seu caráter político, a religiosidade Tabajara fortalece os laços comunitários. Cerimônias e rituais promovem solidariedade, pertencimento e coesão social.

Além de representar um ato político de resistência, a religiosidade dos povos Tabajara desempenha um papel fundamental na construção e fortalecimento de sua comunidade. Suas cerimônias e rituais não apenas resguardam as tradições espirituais, mas também promovem a solidariedade e o senso de pertencimento entre os membros da aldeia. Tais eventos comunitários são marcados pela coletividade, pelo compartilhamento e pela reafirmação dos valores ancestrais. Segundo Simas (2023, p. 18),

[...] Toré é uma expressão viva do sagrado, pois este rito ressalta a importância da ordem, da harmonia e da conexão espiritual em um contexto cultural rico e profundamente enraizado nas tradições indígenas brasileiras. É uma celebração da vida, da comunidade e do divino, em perfeita sintonia com a compreensão do rito como um veículo para manter e restaurar a ordem na cosmovisão indígena.

Desse modo, os rituais tornam-se espaços de vivência coletiva e de fortalecimento dos laços sociais, promovendo uma solidariedade mútua que vai além do aspecto espiritual. Na perspectiva de Farias e Barcellos (2015, p. 165), “De modo geral, nas tradições religiosas indígenas a espiritualidade é de cunho ritualístico, no qual os ritos e tradições são reavivados pela comunidade”. Essa participação ativa dos indivíduos nas práticas religiosas reforça a coesão interna e contribui para a união entre os membros da comunidade Tabajara.

Neste sentido, fica evidente que a religiosidade do povo Tabajara transcende o âmbito espiritual, assumindo um papel essencial na manutenção da coesão social e da identidade coletiva. Os rituais e cerimônias, como o Toré, não apenas preservam tradições ancestrais, mas também funcionam como espaços de encontro, diálogo e solidariedade entre os membros da comunidade. Ao promoverem o pertencimento e a harmonia, essas práticas reafirmam valores culturais fundamentais e fortalecem os laços que sustentam a resistência e a continuidade do modo de vida indígena. Assim, a espiritualidade comunitária revela-se como uma poderosa ferramenta de preservação cultural diante dos desafios contemporâneos.

3.2 O EMPODERAMENTO DA MULHER INDÍGENA

Nos últimos anos, observa-se um fortalecimento significativo da participação feminina nas práticas religiosas dos Tabajara. Historicamente, as mulheres sempre ocuparam um papel central na preservação da cultura, das tradições e das práticas espirituais. Entretanto, com o

avanço das lutas por igualdade de gênero e o fortalecimento do movimento indígena, elas vêm assumindo funções de destaque nos rituais, inclusive em atividades tradicionalmente atribuídas aos pajés, como os rituais de cura e proteção espiritual. Silveira (2018, p. 40) observa que:

Nesses novos espaços de ocupação, ganha destaque o caráter recente da mobilização das mulheres indígenas quanto à organização política institucionalizada, o que implica afirmar que, também na esfera da vida política, elas avançam em seu movimento de organização e reflexão sobre o lugar social.

Este protagonismo feminino reflete-se na condução de rituais, na aplicação de saberes ancestrais e na mediação entre o mundo espiritual e a comunidade. Assim, a presença crescente das mulheres nas práticas religiosas representa um importante sinal de empoderamento e resistência cultural. Os autores Barcellos e Barcellos (2024) entendem que “As mulheres indígenas apresentam sua força, seu empoderamento na luta. A cada ação, mostram-se fidedignas nos gestos, nas falas, nos olhares, nos cantos, no balançar dos chocalhos, nos ritos de cada povo, na busca pela efetivação dos seus direitos” (Barcellos; Barcellos; 2024, p. 223).

Além de seu papel nos rituais, as mulheres são as principais responsáveis pela transmissão dos saberes sobre o uso de plantas medicinais, gastronomia, contos, memórias, mitos e histórias que fortalecem a identidade do povo Tabajara. Neste sentido, elas também desempenham um papel fundamental na formação das novas gerações, não apenas no campo religioso, mas também no aspecto social e cultural. “[...] as mulheres ganham consciência de sua existência e protagonismo na história. Assim, elas reordenam hierarquias e avançam em domínios sociais que lhe eram negados historicamente”. (Silveira, 2018, p. 73).

As mulheres indígenas passam a atuar na instância política, através da participação em associações, grupos e organizações de mulheres indígenas. Silva *et al* (2004, p. 930) afirmam que:

Os registros das primeiras organizações de Mulheres Indígenas, aconteceu na região amazônica no Estado do Amazonas e apenas duas surgiram na década de 1980, a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e a Associação das Mulheres Indígenas de Taracua, Rio Uaupés e Tiquié (AMITRUT), as demais organizações foram criadas na década de 1990.

Assim, na atualidade as mulheres indígenas buscam ocupar espaços de decisão e poder em busca do protagonismo feminino. Neste contexto, incorpora-se em movimentos ativistas, assim como, cria alguns. As mulheres Tabajara n Paraíba são organizadas pela Articulação das

Mulheres Indígenas da Paraíba, um grupo misto de indígenas Tabajara e Potiguara, e também pelos grupos de mulheres das aldeias Barra de Gramame e Aldeia Vitória, [...] As indígenas se organizam e buscam atividades próprias com o objetivo de construir políticas públicas para mulheres em seus setores (Cruz, 2020, p. 81).

3.3 ATUAÇÃO POLÍTICA DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS

O pajé e demais lideranças religiosas desempenham um papel essencial nas comunidades indígenas, atuando como mediadores entre o mundo espiritual e o mundo material, através da sua participação em espaços participativos que tratam dos interesses dos povos indígenas. Como exemplos, Conselho Nacional de Política Indigenista, Conferência Nacional da Política Indígena, Associações e Organizações indígenas. Segundo Niedermayer e Dombrowski (2023, p. 159) “existe ainda a participação desses povos ou entidades de apoio em outros espaços de discussão das políticas sociais mais gerais, por exemplo, nas conferências de saúde, educação, assistência social, meio ambiente etc”.

As lideranças religiosas dos Tabajara participam dos espaços sociais e políticos, com o objetivo de lutar para fortalecer sua cidadania, luta pela manutenção e retomada das terras tradicionais e formulação de políticas públicas para os povos indígenas. Niedermayer e Dombrowski (2023, p. 154) relata que:

[...] a Constituição Federal de 1988, para os povos indígenas, significou o reconhecimento dos direitos territoriais e socioculturais, superando, assim, o modelo de intervenção integracionista e assimilacionista historicamente desenvolvido pelo Estado brasileiro. É possível destacar, ainda, que, nesse marco legal, foi garantido à população indígena o direito de acesso às políticas sociais, devendo ser formuladas e implementadas considerando sua diversidade sociocultural e territorial.

É necessário valorizar os saberes e função das lideranças religiosas indígenas, visto que as mesmas são importantes para o desenvolvimento da cultura, relação com os ancestrais, encantados e os elementos da natureza.

3.4 RELIGIOSIDADE INDÍGENA: LIGAÇÃO ENTRE OS TABAJARA E A TERRA

Na atualidade, as práticas religiosas dos indígenas têm sido utilizadas como forma de resistência, defesa da terra tradicional, meio ambiente e biodiversidade. Os indígenas Tabajara da Paraíba tem sua cosmovisão concentrada nos elementos da natureza, como as árvores, os

rios e as montanhas, fortalece sua luta pela terra, preservação ambiental, crenças e rituais. Segundo Simas (2023, p. 22),

O uso do maracá como uma força da mãe natureza, ecoando e fortalecendo a espiritualidade, realça como os rituais e objetos culturais desempenham um papel simbólico na conexão com o sagrado, entre a humanidade e o ambiente natural. [...] Isso ressalta a profunda ligação entre o povo Tabajara e a terra, com uma apreciação notável da natureza como uma fonte de energia e significado.

A terra é um espaço sagrado na espiritualidade dos indígenas, sendo repleto de simbolismo histórico e cosmológico, configurando-se como uma extensão do sagrado para esse povo. Como afirma Callou (2018, p. 152),

Na atualidade, a descendência Tabajara está lutando para manter viva a sua história e os laços com o passado. Resistindo, assim, ao decorrer do tempo, e se autoafirmando como etnia e detentores de suas terras, que foram tiradas de seus antepassados por um processo sangrento de violenta colonização.

Neste contexto, a luta pela terra influencia a espiritualidade, alterando a religiosidade dos Tabajara. Assim, afirma Loureiro (2005, p. 164):

o território é condição para a vida dos povos indígenas, não somente no sentido de um bem material ou fator de produção, mas como o ambiente em que se desenvolvem todas as formas de vida. Território, portanto, é o conjunto de seres, espíritos, bens, valores, conhecimentos e tradições que garantem a possibilidade e o sentido da vida individual e coletiva. Ou ainda, a terra é um fator fundamental de resistência dos povos indígenas.

A defesa da terra é uma expressão da religiosidade dos povos indígenas. Como ressalta Cavalcanti (2024), a religiosidade indígena representa uma “memória viva” e um campo de disputas simbólicas frente ao avanço de outras formas de espiritualidade e às políticas de assimilação cultural. Essa resistência se expressa também na presença crescente dos indígenas em espaços políticos e institucionais.

A religiosidade dos Tabajara é uma forma de resistência que se evidencia através das práticas religiosas. Como afirma Santos (2019, p. 6), “É importante observar que, no processo de conversão dos povos indígenas, alguns dos seus ritos foram conservados, porém, readaptados e permitidos de modo que não fossem contraditórios, ou mesmo ferissem os princípios dos cristãos evangélicos”.

3.5 AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NO CONTEXTO INDÍGENA

As Ciências das Religiões buscam compreender o fenômeno religioso, utilizando-se de abordagens históricas, sociológicas e antropológicas, apresentando uma visão profunda das principais tradições religiosas. Segundo Coutinho (2024, p. 1),

[...] o ensino embasado nas Ciências das Religiões permite promover a tolerância, o respeito à diversidade e a compreensão mútua entre diferentes grupos religiosos. Através do conhecimento e da análise crítica das crenças e práticas religiosas, os estudantes são capacitados a desenvolver uma visão mais ampla e inclusiva, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural e harmoniosa.

Os povos indígenas caracterizam-se por sua integralidade, somando-se as suas tradições, como crenças, religiosidade e relação com os antepassados e os elementos da natureza. Oliveira (2023, p. 91) entende que:

[...] essas tradições não são estáticas, mas dinâmicas, moldando identidades e perspectivas ao longo do tempo. Este reconhecimento aponta para a necessidade de não apenas compreender, mas também valorizar e preservar as riquezas culturais e espirituais que são transmitidas de geração em geração.

Neste sentido, o curso de Ciências das Religiões é o espaço ideal para estudar a diversidade religiosa dos povos indígenas de forma imparcial e respeitosa. O Ensino Religioso, orientado pela BNCC, surge como uma ferramenta pedagógica capaz de transcender fronteiras dogmáticas, assumindo uma abordagem não confessional (Oliveira, 2023, p. 95).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, através das referências utilizadas, foi possível adentrar nas práticas religiosas dos indígenas Tabajara na Paraíba no século XXI, levando em conta suas várias dimensões históricas, culturais, sociais e espirituais. A proposta não se limitou à descrição objetiva de ritos e crenças, mas buscou compreender o papel que essas práticas desempenham na organização simbólica, identitária e comunitária do povo Tabajara da Paraíba. Já que se trata de um campo de estudo que exigiu, por parte do pesquisador, uma postura ética, respeitosa e aberta à escuta, especialmente porque lida com saberes que foram historicamente marginalizados ou violentamente interrompidos por processos de colonização, missionação e assimilação forçada.

Ao atingir o objetivo geral de analisar como acontecem as práticas religiosas, sociais e culturais no contexto dos indígenas tabajara na atualidade, percebeu-se que a religiosidade Tabajara, embora marcada por transformações inevitáveis provocadas pela modernidade, pelo contato com religiões hegemônicas e pela luta constante por terra e reconhecimento, mantendo elementos ancestrais fundamentais para a sua continuidade como povo. A relação com os antepassados, com os ciclos da natureza, com os rituais, cura e celebração, e com os espaços considerados sagrados, permanece como base de sustentação da identidade coletiva. Nesse contexto, as práticas religiosas não são vistas como compartimentos isolados da vida cotidiana, mas como partes integrantes de uma cosmovisão ampla, que articula o espiritual, o político, o ecológico e o afetivo.

Um dos principais méritos deste estudo foi demonstrar que a espiritualidade Tabajara não se resume a um conjunto fixo de doutrinas ou dogmas. Ao contrário, trata-se de um sistema vivo, em constante transformação, que se adapta às adversidades sem perder sua essência. Os saberes transmitidos oralmente pelos mais velhos, continuam sendo fontes legítimas de orientação para a juventude indígena, mesmo diante das pressões de um mundo globalizado. A transmissão intergeracional dessas práticas se apresenta como um ato de resistência e afirmação identitária, permitindo que os jovens reconheçam em sua cultura espiritual um valor de resistência, que vai além do folclore ou da curiosidade exótica.

A pesquisa também evidenciou a centralidade da mulher indígena nesse processo. As mulheres Tabajara desempenham papéis importantes na condução de rituais, na transmissão dos saberes e na organização da vida espiritual e comunitária, o que é indispensável para que as práticas culturais, sociais e de religiosidade se perpetuem através dos anos. Muitas vezes, são elas que preservam as histórias e a memória coletiva do grupo. Essa participação ativa

reafirma que a espiritualidade indígena não é hierárquica nem excludente, mas se constrói na partilha, na circularidade e na cooperação entre os membros da comunidade.

Ademais, o trabalho apontou para a necessidade urgente de ampliar os espaços de escuta, representação e reconhecimento dos povos indígenas nos ambientes institucionais, acadêmicos e públicos. O conhecimento religioso tradicional, frequentemente desqualificado por não se alinhar aos parâmetros ocidentais de racionalidade, precisa ser reconhecido como legítimo e relevante. O respeito à diversidade religiosa e cultural, nesse sentido, deve ser promovido como princípio fundamental em todas as esferas sociais e políticas, incluindo a educação, a saúde, o direito e a comunicação.

A escola, em especial, deve assumir uma postura ativa na valorização dos saberes indígenas. Isso implica repensar os currículos escolares, as práticas pedagógicas e os materiais didáticos, que ainda tendem a apresentar os povos indígenas de maneira homogênea, histórica e culturalmente distorcida. É necessário romper com o paradigma eurocêntrico e promover uma educação intercultural, que reconheça e dialogue com a pluralidade de saberes existentes no Brasil. O Curso de Ciências das Religiões é o espaço ideal para estudar a diversidade religiosa dos povos indígenas de forma imparcial e respeitosa, visto que o Ensino Religioso, orientado pela BNCC, surge como uma ferramenta pedagógica capaz de transcender fronteiras dogmáticas, assumindo uma abordagem não confessional.

Nesse processo, torna-se fundamental compreender que as práticas religiosas dos Tabajara, como de outros povos originários, não são meras manifestações folclóricas ou tradições do passado. Elas continuam a ser vividas e reinventadas no presente, mesmo diante das violências simbólicas e materiais que ainda recaem sobre esses povos. O reconhecimento da espiritualidade indígena como expressão legítima da diversidade cultural brasileira é um passo essencial para a superação do racismo estrutural e da exclusão histórica que marcaram (e ainda marcam) as relações entre o Estado e os povos indígenas.

Outro aspecto importante que emergiu da análise é a profunda relação entre espiritualidade e a terra. Para os Tabajara, o espaço físico não é apenas um local de moradia ou subsistência, mas um lugar sagrado onde habitam os espíritos dos ancestrais, os encantados, os elementos da natureza dotados de vida e os pontos de força espiritual. A perda ou a invasão dessas terras representa, portanto, uma ruptura drástica com o modo de ser indígena, afetando diretamente sua organização religiosa, social e emocional. Garantir a demarcação e proteção dessas terras é garantir também a continuidade das práticas espirituais e da própria existência física e simbólica do povo.

Este trabalho, portanto, contribui para romper com a lógica reducionista e colonizadora que tanto marcou a produção de conhecimento sobre os indígenas. Ao optar por uma abordagem comprometida com os sujeitos da pesquisa e com a valorização de suas vozes, através da utilização de autores indígenas e de outros que atuam juntos as aldeias, foi possível construir uma narrativa mais justa, plural e humanizada. Longe de esgotar o tema, a investigação abre caminhos para novos estudos e intervenções que possam aprofundar ainda mais a compreensão sobre a espiritualidade Tabajara em suas múltiplas expressões.

Por fim, vale destacar que a experiência de realização deste trabalho demonstrou, na prática, a necessidade de construir pontes entre o saber acadêmico e o saber tradicional. Quando o conhecimento científico se coloca a serviço da escuta, ele se faz mais potente pois traz a vivência como fonte principal do estudo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE JÚNIOR, Glício Freire. **Toré e cultos pentecostais: resistências, limites e desafios do universo cultural religioso dos indígenas Tabajara da Paraíba do século XXI**. 2022. 266 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27549>. Acesso em: 23 maio 2025.
- BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BARCELLOS, Eliane Silva de Farias; BARCELLOS, Lusival Antonio. **As práticas educativas do povo indígena Tabajara da Paraíba no século XXI**. Cabedelo, PB: Editora UNIESP, 2024. 270 p. il. color. ISBN 978-65-5825-269-6 (digital). Disponível em: <https://editora.iesp.edu.br/UNIESP/catalog/view/333/334/726-1>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- CALLOU, Tânia Aparecida; MELO, Maria Ângela Soares de. Ritualística Tabajara: o Toré como meio de avivamento étnico. **ODEERE**, v. 3, n. 5, p. 147-160, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/3677>. Acesso em: 23 maio 2025.
- CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Tradução de Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- CAVALCANTI, Rêmia Vasconcellos. **Religiosidades indígenas: ancestralidade e resistência**. 2024. 49 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2024. Disponível em: file:///C:/Users/Samsung_/Downloads/Religiosidades%20Ind%C3%ADgenas-1.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). **Enfrentando as consequências da Lei do Marco Temporal, povo Tabajara reivindica conclusão da demarcação de TI**. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/07/enfrentando-as-consequencias-da-lei-do-marco-temporal-povo-tabajara-reivindica-conclusao-da-demarcacao-de-ti/>. Acesso em: 27 maio 2025.
- COUTINHO, Viviane. Importância das Ciências das Religiões para o Ensino Religioso. **Revista Foco**, Curitiba, v. 17, n. 1, 2024.
- CRUZ, Amanda Yvne Figueiredo. **Os donos da aldeia: história, memória e mobilização étnica do povo Tabajara da Paraíba**. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- CRUZ, Rosiane Barbosa. **Mulheres Tabajara: disputas territoriais, gênero e identidade das indígenas do litoral sul da Paraíba**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Samsung_/Downloads/RosianeBarbozadaCruz_Dissert-1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.
- CUNHA, Leonardo Campos Mendes da. **Toré – da aldeia para a cidade: música e territorialidade indígena na Grande Salvador**. 2008. 265 f. Dissertação (Mestrado em Música, área de concentração: Etnomusicologia) – Universidade Federal da Bahia, Escola de

Música, Salvador, 2008. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9106/1/Dissertacao%2520Leonardo%2520da%2520Cunha%2520seg.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. **Memória Tabajara**: manifestações de fé e identidade étnica. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. **A mística da dança do toré**: imaginário social do povo indígena Tabajara da Paraíba. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em:
https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26724?&&locale=pt_BR. Acesso em: 22 jun. 2025.

FUNARTE. **Arte e corpo**: pintura sobre a pele e adornos de povos indígenas brasileiros. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afunarte-1985-arte/Funarte_1985_ArteECorpo.pdf. Acesso em: 25 set. 2025.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60n4/a18v60n4.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.

LOUREIRO, Klítia. **Territorialidade e povos indígenas**: dados gerais sobre a demografia indígena. 2005. Disponível em:
https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalago/09123616052013Culturas_e_Historia_dos_Povos_Indigenas_Mod_3_aula_08.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como étnos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1103-1112, 2014.

MORAES, Ilson; BARCELLOS, Lusival (org.). **Cerâmica e pintura corporal indígena**: a arte como agente de consolidação do patrimônio imaterial dos Tabajara da Paraíba. Cabedelo, PB: Editora UNIESP, 2024.

NIEDERMAYER, Natalia Raquel; DOMBROWSKI, Osmir. Organização e participação política dos povos indígenas no Brasil: demandas para a política de assistência social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 148-173, jan./jul. 2023.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os indígenas e o ensino religioso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Faculdade Unida de Vitória**, 2024, p. 90-106. Disponível em:
<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/240817413.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

PORTAL AMAZÔNIA. Maracá. **Portal Amazônia**, [S. l.], 23 abr. 2021. Disponível em:
<https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/maraca/>. Acesso em: 25 set. 2025.

RESENDE, Cristina da Conceição. **Demarcando a sala de aula**: práticas educativas e de criação a partir dos fazeres artísticos do povo indígena Tabajara da Paraíba. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES) – Universidade Federal da

Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26800>. Acesso em: 27 maio 2025.

REESINK, Edwin. O segredo do sagrado: o toré entre os índios do Nordeste. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; ELIAS, Juliana Lopes (orgs.). **Índios do Nordeste: temas e problemas II**. Maceió: EDUFAL, 2000. p. 359-406. Disponível em:

https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Areesink-2000-segredo/Reesink_2000_OSegredoDoSagrado_Tore.pdf. Acesso em: 24 set. 2025.

REZENDE, Maria Aparecida. A corporeidade da mulher Xavante: um movimento da cosmogonia. **Tellus**, UFMT, 2022. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/tellus/article/view/13795>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SANTOS, E. D. dos. A espiritualidade pentecostal entre os índios Tabajara/PB: o caso da aldeia Vitória. **Diversidade Religiosa**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em:

file:///C:/Users/Samsung_/Downloads/ojs2-45231-115541-1-pb.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

SILVEIRA, Maria Luiza. **Mapulu, a mulher pajé**: a experiência Kamaiurá e os rumos do feminismo indígena no Brasil. São Paulo: [s.n.], 2018. 347 p. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21609/2/Maria%20Luiza%20Silveira.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SIMAS, Gilson da Penha. **Maracá**: um estudo à luz da prática simbólica e da vivência espiritual e cultural do povo Tabajara da Paraíba. 2023. 60 f. TCC (Curso de Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em:

<https://editora.iesp.edu.br/UNIESP/catalog/view/334/335/729-1>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Sidney. **A colonização e o extermínio dos povos indígenas no Nordeste Brasileiro**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

SOARES, Maria de Lourdes *et al.* Os indígenas Tabajara na preservação da sua cultura tradicional. In: SOARES, Maria de Lourdes (org.). **A sociedade em contexto**: história, transformações e desafios. Campina Grande: Licuri, 2023. p. 8-22. Disponível em:

<Os-indigenas-Tabajara-na-preservacao-da-sua-cultura-tradicional.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

SOUZA, Juscelino Silva. **Tabajara andou na mata**: um estudo sobre o papel dos processos técnicos no fortalecimento indígena no Litoral Sul da Paraíba. Rio Tinto, PB, 2020.

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30638>. Acesso em: 3 ago. 2025.

ZANNONI, Claudio; BARROS, Maria Mirtes dos Santos. A voz dos espíritos: uma abordagem sobre o maracá em sociedades indígenas do Maranhão. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. 1, p. 55-72, jan./abr. 2011. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1047/690>. Acesso em: 25 set. 2025.